

LEV KAMENEV, INIMIGO DO POVO

"SOMOS CONTRA O CULTO AO CHEFE!"

Vladimir Glebov

Tradução: Décio Drummond

Dentre as antigas fotografias que guardo comigo, há uma que me fascina por seu caráter simbólico, oculto a olhos alheios: meu pai está no mar, só, naquela imensa superfície de água, tendo ao fundo, à distância, uma rocha.

A foto é datada de 1927, quando meu pai, Lev Kamenev, era embaixador soviético em Roma. Nunca fiquei sabendo quem bateu aquele instantâneo. Talvez o filho de Máximo Górkki, em cuja casa, em Capri, meus pais estavam hospedados. Foi dali que o conduziram a Moscou, onde foi preso pela primeira vez.

Conservo outras fotografias de meus pais que seus amigos conseguiram esconder e que me deram anos depois. Algumas mostram minha mãe sozinha. Outras, ao lado de companheiros. Numa delas, seu rosto está voltado para o lado e a foto está rasgada. É que ali, além do recorte, estava o rosto de meu pai, para quem minha mãe estava olhando. Ao que tudo indica, naquela ocasião ele já havia caído em desgraça, um abismo no qual haviam desaparecido muitos dos melhores filhos do país.

Meus pais casaram-se em 1926. Minha mãe, Tatiana Glebova, era uma mulher inteligente e culta. Terminou os preparatórios em Tver, hoje Kalinin, importante cidade industrial situada na parte alta do Volga. De lá foi para a Escola de Artes e, em seguida, para o Instituto Eletrotécnico de Moscou. Ingressou no Partido Bolchevique em 1916, quando contava 20 anos de idade. Em 1917 participou da Revolução de Fevereiro e da Grande Revolução Socialista de Outubro. Na primeira metade da década de 20 chefiou o departamento feminino do Soviet de Moscou.

Entre 1927 e 1929 meu pai ficou preso no campo de Achinsk, na Sibéria. Depois, entre 1933 e 1934, levaram-no para Minusinsk. Desse segundo aprisionamento, conservo vagas recordações. Há pouco tempo tive confirmação de minhas impressões e lembranças infantis. Um dia, fui procurado por um homem (omitirei seu nome) que se identificou como

Este artigo foi publicado originalmente (1988) na *Stroitel'naya Gazeta*, diário do Comitê Central do PCUS.

um dos guardas que nos levaram à Sibéria. "Você era muito pequeno e louro, parecia uma menina. O vagão em que viajamos estava sobrecarregado de livros." Lembrava-me de tudo isso.

Em 1934 regressamos a Moscou. Foi quando soube que tinha dois irmãos, filhos de um primeiro casamento de meu pai, com Olga Bronstein, irmã de Trotski. Um desses irmãos, Yuri, nunca vi, mas o mais velho, Alexandre, conheci quando nos visitou nos meses que precederam a última prisão de meu pai.

Naquele período entre as duas prisões meu pai foi diretor da editora Academia e minha mãe, diretora da escola de eletrotécnica em Moscou.

Lembro-me claramente da prisão de meus pais em dezembro de 1934. Um grupo de militares muito corteses registrou escrupulosamente tudo o que havia em nosso apartamento, até os livros e a cama em meu quarto.

Daí em diante, minhas recordações se misturam, confundindo os vários apartamentos que me acolheram, quando meus pais já não estavam comigo. Em pleno verão de 1935, quando me encontrava na casa de campo de Máximo Górkí, minha mãe apareceu inesperadamente e me levou consigo para a cidade de Biisk, em Altai. No princípio, recebíamos ali cartas de meu pai, que se encontrava numa prisão política nos Urais. Lembro-me de vários casos cômicos que ele narrava propositadamente para mim. Por alguma razão, impressionou-me sobremaneira a anedota sobre um ouriço que se escondeu dentro do sapato de Zinoviev, acho, que este retirou aos gritos, quando pisou nos espinhos do animalzinho.

No outono de 1936 minha mãe foi novamente detida. Muitos anos após li a sentença do tribunal: "Condenada por haver discordado da atividade do partido e do Governo, tal como escreveu a seu marido, o inimigo do povo Kamenev".

Ao fim de um ano no orfanato central de Biisk, fui para Chichka-yul, um asilo para os filhos de inimigos do povo, situado em Pishkin-Troitsk, na Sibéria. Contudo, não nos mantinham por muito tempo no mesmo lugar. Daquele asilo, fui transferido para outro, no povoado de Torbeevo, atual região de Kemerov, onde permaneci até terminar o curso básico. Ingressei, então, na Escola Especial de Artilharia nº 10, em Prokopievski, evacuada de Leningrado, sitiada pelos nazistas.

Durante a guerra, como meus companheiros, ingressei no Komso-mol, sonhando com o dia de poder combater. A vida ali era dura, mas, na época, era normal para todos os adolescentes. Poucos entre meus companheiros sabiam que eu era filho de "inimigos do povo". Não que escondesse o fato, mas porque o sobrenome de meu pai me havia sido retirado. Perguntaram-me com freqüência quando e como mudei de sobrenome. Não o fiz. Ocorreu sem eu saber e sem meu consentimento. Em Chichka-yul ainda era Kamenev. Depois comunicaram-me que passaria a ser Kamenev-Glebov e, mais tarde, reduziram-no para apenas o sobrenome de minha mãe. Houve mesmo um tempo em que fiquei conhecido como apenas Glebov. De vez em quando, o diretor de alguns dos orfana-

tos chamava-me a seu gabinete para dizer-me: "Eis aqui o nome que você deverá de agora em diante escrever em seu caderno e livros". Nada mais. Até hoje não sei como qualificar isso. Às vezes imagino que nossos guardiões nos orfanatos faziam tudo isso pensando em proteger as crianças, vítimas inocentes das repressões. Graças a isso, talvez, pude terminar a Escola de Artilharia, em 1945, e, assim como todos os meus companheiros, sonhar com estruturar a minha vida. A guerra terminara e, ao que tudo indicava, tinha pela frente um futuro brilhante. Ingressei na Faculdade de História da Universidade de Leningrado, onde registrei bom rendimento estudantil. Contudo, precisei terminar bem mais tarde que meus companheiros.

Os tempos tristes voltaram. Minha alegre existência universitária, cheia de estudos e de estimulantes acontecimentos, foi truncada. Tudo começou de maneira muito simples. Em janeiro de 1950 chamaram-me a um escritório e disseram-me: "Você não soube corresponder à confiança que lhe foi depositada pela pátria e pelo camarada Stalin e se comportou como um 'digno' filho de seus pais". Minha culpa consistia em haver escrito alguns versos irônicos, o que era uma travessura universitária comum. Meus versos criavam um imaginário décimo capítulo (inexistente) para *Eugueni Oneguín*, descrevendo as aventuras que os personagens da novela de Pushkin haviam supostamente vivido em nossa universidade e em nosso alojamento. Recordo-me de um trecho tolo que, na época, considerei cômico: "Furibundo, o herói gratificou seu amigo com um coice na mandíbula...".

O juiz de instrução acusou-me de reincidente perigoso, antigo trotskista, que seria castigado pela terceira vez. Portanto, o primeiro castigo havia sido o confinamento em Minusinsk, onde estive junto com meus pais, quando estava com quatro anos de idade... Nessa "terceira vez" fui conduzido à construção do Canal Volga-Don com a tarefa de cortar madeira para as obras. Fui solto em 1956, juntamente com outros companheiros de trabalhos forçados.

Não foi fácil voltar a uma existência normal. Um ano depois, fui readmitido na universidade, com a recomendação de repetir o quarto ano, o que fiz, a fim de recuperar os estudos e reposicionar-me.

Da mesma forma que todo o povo, atormentava-me buscando respostas a inúmeras perguntas. Durante as obras do canal, conversando com outros prisioneiros igualmente incursos no artigo 58 (atividades contra-revolucionárias), libertei-me da vergonha secreta de ser filho de dois "inimigos do povo", vergonha que me havia sido introjetada no tempo dos orfanatos. Deixei de acreditar no mito do "inimigo do povo" quando constatei que milhões de compatriotas viviam sob o mesmo estigma.

No campo de concentração fiquei sabendo também da versão "não oficial" a respeito de meu pai. Foi então que compreendi tudo e o reabilitei dentro de mim.

Ao reintegrar-me na universidade passei a ler tudo o que podia sobre Lev Kamenev. Queria conhecê-lo a fundo e entender sua época. O

XX Congresso do partido, que condenou o culto da personalidade de Stalin, ajudou-me a desvendar a tragédia de meu pai. Por outro lado, minhas próprias vivências tiveram igualmente grande participação nesse processo. Às vezes, assaltava-me a dúvida de que meu pai, sem ser inimigo, não fosse correligionário dos bolcheviques e de Lênin. Passei então a estudar profundamente o marxismo-leninismo e a história do partido, na tentativa de interpretar a vida, as obras e as idéias de meu pai a partir de meus novos conhecimentos, a partir das posições do leninismo.

Durante a vida de Lev Kamenev, até sua última prisão, em dezembro de 1934, foram publicados vários volumes de suas obras, muito menos, porém, do que tudo quanto ele havia escrito. Além de alentados tratados teóricos em que investigava as idéias e a produção de Alexandre Herzen e de Nikolai Chernishevski, literatos, filósofos e democratas revolucionários russos, possuía também muitos ensaios pequenos e médios, tanto no tamanho quanto no alcance, mas que refletiam o cerne de um ou de outro momento da vida política de determinado período histórico.

Os critérios de Lev Kamenev integram-se na atualidade, como o demonstra claramente a comunicação que, em lugar de Lênin, que estava doente, apresentou à XI Conferência do partido em dezembro de 1921. A comunicação intitulava-se *Tarefas Imediatas do Partido com Relação à Restauração da Economia* e, como se sabe, revelava os primeiros resultados da nova política econômica. Kamenev foi também um dos redatores da resolução adotada por aquela conferência. A tese que reproduzo aqui, e que refletiu o ponto de vista da maioria dos delegados, permite nítida avaliação dos conceitos econômicos de meu pai.

Atualmente a principal tarefa do Partido Comunista da Rússia na economia é dirigir a atividade econômica do poder soviético no sentido de dominar o mercado e suas leis, já que existem, e, através de medidas econômicas sistemáticas, rigorosamente pensadas e baseadas em ter muito em conta o processo do mercado, tomar em nossas mãos a regulamentação do mercado e da circulação monetária.

A conferência pediu o imediato desenvolvimento da indústria pesada e da agricultura, bem como o cumprimento do plano que visava a estabelecer as relações mercantis-monetárias, chegar ao orçamento nacional sem déficit e desenvolver todas as formas de cooperativismo. Entre as medidas propícias e determinantes para o saneamento da economia, a conferência propôs a redução do aparelho estatal, o desenvolvimento do cálculo econômico e recomendou o arrendamento das pequenas e médias empresas industriais.

Conservo cuidadosamente os primeiros volumes da primeira edição das obras de Vladimir Ilich Lênin; meu pai as prefaciou sob o título comum *V.I. Lenin: Fatos, Situação, Idéias*. Ignoro se escreveu prefácios semelhantes para outros volumes das obras de Lênin, publicados mais tarde. A edição que conservo estava expurgada das bibliotecas havia já mui-

to tempo. Gostaria de acreditar que, apesar de tudo, exista alguma edição completa em algum lugar.

Seja lá como for, os historiadores devem reconhecer o fato de que Lev Kamenev não foi somente correligionário, mas também o primeiro biógrafo sério de Lênin e o primeiro a investigar o acervo teórico leninista. Para mim, pessoalmente, isso é muito importante, uma vez que não posso ir mais fundo na descrição de meu pai. Tenho dificuldade em imaginar como foi em casa, ou com seus companheiros, ou como se comportava conversando... Em resumo, já não me recordo que tipo de homem foi meu pai. O fato, porém, é que sua existência foi totalmente dedicada à causa da revolução. Senão, vejamos: Kamenev foi preso quatro vezes na Rússia ainda czarista; duas vezes na Inglaterra; uma vez, na Finlândia, quando aquele país estava em poder dos russos brancos, e três vezes na era de Stalin, o qual acabou por assinar a ordem para seu fuzilamento. Em qualquer situação foi sempre um homem que defendeu suas idéias de maneira conseqüente. Se essas idéias mudavam, não era porque alguém o levava a mudá-las, mas em conseqüência de sua própria interpretação dos fatos e dos acontecimentos. Podemos dizer o mesmo de outros homens que estavam ao lado de Lênin nas origens da revolução socialista. Até seus erros foram erros de pioneiros, e eles sabiam criticar-se e reconhecer, corajosa e sinceramente, seus próprios equívocos.

Diz-se hoje que, após a morte de Lênin, foi formado no Birô Político um núcleo dirigente — Kamenev, Stalin e Zinoviev — que, segundo alguns estudiosos, passou a violar os princípios democráticos da direção. Não apenas como filho de Kamenev, mas principalmente como sociólogo, discordo dessa teoria e procurarei demonstrar meu ponto de vista.

Vejamos os fatos: em 1921 Viacheslav Molotov tornou-se secretário do Comitê Central, encarregando do preenchimento de quadros. Creio — e sobre isso existem testemunhos de veteranos bolcheviques — que, em 1921-1922, ainda em vida de Lênin, Molotov aliou-se a Stalin, o qual, em 1922, foi feito secretário geral. Molotov foi exímio no que se referia à formação do aparato burocrático sempre baseado na fidelidade pessoal. Em meu modo de ver, seria muito interessante analisar como nomeava, a seu bel-prazer, os homens que queria para postos de secretários dos comitês centrais das repúblicas, bem como dos comitês regionais e territoriais, e como esses homens logo formavam, por sua vez, a estrutura das organizações locais do partido e as delegações aos congressos do partido.

Nos tempos de Krushev foram reeditados documentos de diferentes congressos. Nosso instituto dispunha desses livros. É claro que depois de 1965 eles desapareceram com rapidez e sem deixar rastros. Contudo, nem nos tempos de Krushev foram reeditados os documentos do XIV Congresso do partido. Por quê? Porque, se houvessem sido reeditados, ficaria claro que o XX Congresso do PCUS cumpriu o que a "nova oposição" exigia em 1926. No XIV Congresso, meu pai disse aproximadamente o seguinte: "Eis aqui os pontos de nossas divergências. Entre elas classifico como a principal a de que somos contra o culto ao chefe. Estamos

contra criar um chefe, estamos a favor de uma direção coletiva do Birô Político. Consideramos que o camarada Stalin não serve para exercer o cargo de unificador do Estado-Maior leninista e de dirigente do partido e do Estado".

Nesse ponto, homens escolhidos e instruídos de antemão, gritaram: "Olhem! Finalmente mostraram sua essência!". Foi então que Grigori Evdokimov, representante da organização de Leningrado do partido, levantou-se e lançou a palavra de ordem: "Viva o Comitê Central leninista!". Porém, as delegações da periferia afogaram sua voz com gritos de viva ao camarada Stalin, todos se levantaram e romperam em estrondosos aplausos.

Foi assim que aconteceu. A unanimidade era produto dos métodos orgânicos. É hora de os historiadores lançarem luz sobre esses fatos.

Aqueles anos longínquos em que, depois de reabilitado em 1956, atormentado, duvidando e procurando permanentemente as obras de meu pai, recuperei-o definitiva e irrevogavelmente dentro de mim, foram, em meu modo de ver, os mais valiosos da minha existência. Quanto aos fatos concretos, os acontecimentos foram se desenrolando numa espiral. Enviaram-me novamente à Sibéria mas desta vez para cumprir uma finalidade laboral dos formados da universidade. Lá, lecionei numa escola da região de Novosibirsk, em cujas minas me admitiram no partido. Orgulho-me de haver-me feito militante comunista em uma organização operária do partido. Mais tarde, me transferi para a cidade de Novosibirsk a fim de ficar mais perto das bibliotecas, uma vez que prosseguia em minhas investigações. Foi certamente por isso que me ofereceram emprego na cadeira de Filosofia, que acabava de ser fundada no Instituto Eletrotécnico de Novosibirsk. Mais tarde, candidatei-me a doutor, defendendo tese.

Atualmente, meus alunos, assim como todos os jovens, demonstram profundo interesse pelos acontecimentos daqueles anos, especialmente pela maneira como se processou a reabilitação das vítimas do stalinismo. Esse interesse é legítimo, pois a recuperação da honra daqueles homens constitui uma das garantias da *perestroika*. A recuperação teve início na época de Krushev, mas logo em seguida foi congelada porque, creio, sendo o próprio Krushev produto do stalinismo, não podia, nem sabia, combatê-lo por métodos que não fossem os do sistema. Ocorreu que, assim que encontrou a chave para o problema e procurou limitar o período de exercício dos altos cargos, tanto no partido como nos *soviets*, o sistema o devorou.

Quando o povo não pode controlar o aparato, a burocracia se apodera do Estado e se converte numa classe em si e para si.

Penso que, no nível a que se chegou durante a XIX Conferência do PCUS, foi possível compreender o perigo que representa a burocracia, ficando estabelecidas as bases teóricas e orgânicas para liquidá-la e para criar um aparelho administrativo do povo e para o povo, assim como para rejeitar a possibilidade de que os cargos dirigentes sejam vitalícios. Em meu modo de ver, reside aí um dos fundamentos da reforma do sistema

político que os comunistas, e todos os soviéticos, devem aplicar nos prazos fixados pela conferência. Teríamos, então, "sinal verde" para uma reforma econômica eficaz que, por enquanto, ainda se arrasta por culpa de uma burocracia ainda não erradicada, reforma indispensável para elevar a qualidade de vida do povo e para fortalecer o poderio da nação.

Novos Estudos
CEBRAP
Nº 26, março de 1990
pp. 191-197
